

**PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Tuesday 21 May 2002 (afternoon)  
Mardi 21 mai 2002 (après-midi)  
Martes 21 de mayo de 2002 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d'y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

*Escolha a Secção A ou a Secção B*

## **SECÇÃO A**

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

**Texto 1 (a)**

### **Vêm aí as Casas Inteligentes**

Elas atendem o telefone e tomam providências de emergência, como desligar o forno que o dono esqueceu ligado, ou acender a lareira para que ele tenha maior conforto nas noites frias. São as casas espertas, que começam a aparecer, pelo menos em projecto nos Estados Unidos, Europa e Japão. Administradas por mais de 1000 minicomputadores, em  
5 alguns casos, possuem sensores e controlos ligados em todas as partes. Podem aumentar ou diminuir a potência das suas próprias lâmpadas ou, então, abrir e fechar as janelas e cortinas. Assim, regulam a iluminação, ou protegem a residência contra a chuva. Também ficam atentas à temperatura dos fornos, dos odores do banheiro, à circulação do ar e ao nível de ruído nas salas. Nem a pressão sanguínea e o ritmo cardíaco dos donos lhes  
10 passam despercebidos: basta tocar os dedos em medidores especiais, no banheiro para obter essas informações. E as novidades não são apenas electrónicas: algumas das novas casas são feitas com um plástico tão leve como uma almofada, mas tão sólido como o aço. O lar da nova geração não está ainda à venda, mas isso não deve demorar muito a acontecer. Então, deve inaugurar um estilo inteiramente novo de viver.

in *Superinteressante*, Fevereiro de 1991, Brasil

**Texto 1 (b)**

**A casa na duna**

A casa está construída na duna e separada das outras casas do sítio.

A casa é construída de pedra e cal e a sua frente está virada para o mar.

5 No andar de cima da fachada há três janelas e uma varanda com grades de madeira. No andar de baixo há três janelas e uma porta. Essa porta, as janelas e as grades da varanda estão pintadas de verde. No chão, ao longo da parede, corre um passeio de pedra que separa a casa das areias da duna.

Para além das dunas da praia, a casa estende-se a todo o comprimento da costa e só o limite do olhar a limita.

10 As traseiras da casa dão para um jardim inculto e rude e áspero onde o vento que dobra os arbustos se precipita e dança em volta do poço redondo.

A norte, a leste e a sul o jardim é limitado por três muros toscos feitos de calhaus de granito sem reboco. No muro do fundo, que dá para a rua deserta onde os plátanos sonham devagar a própria sombra, há uma cancela que continuamente bate e gira e geme no vento.

15 No lado poente, onde os dias duram e luzem e se arrastam, o jardim avança pela duna e confunde-se com a praia, apesar dos pilares de granito que marcam os seus limites. Dali se avista para o sul, no extremo da distância, para lá da foz do pequeno rio onde a costa se encurva levemente, uma cidade que vem até à beira do mar.

Sophia de Mello Breyner Andersen, *Histórias da Terra e do Mar*, 1967 (adap.), Portugal

## SECÇÃO B

*Analise e compare os seguintes textos.*

*Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

### **Texto 2 (a)**

#### **A Estrela**

Vi uma estrela tão alta,  
Vi uma estrela tão fria!  
Vi uma luz luzindo  
Na minha vida vazia.

5 Era uma estrela tão alta!  
Era uma estrela tão fria!  
Era uma estrela sozinha  
Luzindo no fim do dia.

10 Por que da sua distância  
Para a minha companhia  
Não baixava aquela estrela?  
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda  
Responder que assim fazia  
15 Para dar uma esperança  
Mais triste ao fim do meu dia.

Manuel Bandeira, *Obras Poéticas*, Brasil

**Texto 2 (b)****A Estrela**

Um dia, à meia-noite, ele viu-a. Era a estrela mais bonita do céu, muito viva, e a essa hora passava mesmo por cima da torre. Como é que a não tinham ainda roubado? Ele próprio, Pedro, que era um miúdo, se a quisesse empalmar<sup>1</sup>, era só deitar-lhe a mão. Na realidade, não sabia bem para quê. Era bonita, no céu preto, gostava de a ter. Talvez  
5 depois a pusesse no quarto, talvez a trouxesse ao peito. E daí, se calhar, talvez a viesse a dar à mãe para enfeitar o cabelo.

De modo que, nessa noite, não aguentou. Meteu-se na cama como todos os dias, a mãe levou a luz, mas ele não dormiu. Foi difícil, porque o sono tinha muita força. E quando calculou que o pai e a mãe já dormiam, abriu a janela devagar e saltou para a rua.  
10 A janela era baixa. Mas mesmo que não fosse. Com sete anos já estava treinado a subir às oliveiras quando era tempo dos ninhos, para ver os ovos ou aqueles bichos pelados, bem feios, com o bico enorme muito aberto.

A igreja ficava no cimo da aldeia e a aldeia ficava no cimo de um monte. De modo que era tudo a subir. Mas conseguiu. E agora estava ali. Olhou a estrela para ganhar  
15 coragem, ela brilhava, muito quieta, como se estivesse à sua espera. Subiu devagar, e empoleirou-se por fim nos ferros cruzados dos quatro ventos. Enroscando as pernas no varão, tinha agora os braços livres. E então ergueu a mão devagar. Os ferros balançavam mas ele nem olhava lá para baixo. Fez força ainda nas pernas, apoiou-se na mão esquerda, e com a outra, finalmente, despegou a estrela. Entalou-a nas calças e começou a descer. A  
20 chatice era se lhe caía e se partia lá em baixo.

E assim que pôs pé em terra, largou para casa, mas não muito depressa. Apetecia-lhe mesmo parar de vez em quando e olhar a estrela com uma atenção especial. Lembrava um  
pirilampo, mas muito maior. Quando chegou a casa, trepou à janela, que deixara aberta, e meteu-se na cama. Esteve ainda algum tempo com a estrela na mão, mas não muito,  
25 porque já não podia mais, arrombado de sono. De modo que guardou a estrela numa caixa e adormeceu.

Vergílio Ferreira, *A Estrela*, 1960 (adap.), Portugal

---

<sup>1</sup> Empalmar - roubar